

**TEORIZAÇÃO E ABORDAGEM DA IMIGRAÇÃO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA:
APORTES PARA O ESTUDO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS ATUAIS**

THEORIZATION AND APPROACH OF IMMIGRATION IN THE GEOGRAPHIC
SCIENCE: INPUTS TO THE STUDY OF CURRENT MIGRATORY FLOWS

TEORIZACIÓN Y ABORDAJE DE LA INMIGRACIÓN EN LA CIENCIA
GEOGRÁFICA: APORTES PARA EL ESTUDIO DE LOS FLUJOS MIGRATORIOS
ACTUALES

Roberto Rodolfo Georg Uebel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
roberto.uebel@ufrgs.br

Resumo:

Em atenção ao aumento dos fluxos migratórios internacionais da atualidade, capitaneados por razões econômicas e sociais e motivados por crises humanitárias e das próprias rachaduras do sistema capitalista, o pesquisador da Ciência Geográfica depara-se com uma vasta fonte de teorias e aportes bibliográficos para a compreensão de tais fenômenos, e o geógrafo coloca-se em um paradoxo de autores, correntes e escolas de pensamento, muitas vezes divergentes e inaplicáveis aos fenômenos estudados. Nesse sentido, este artigo apresenta aportes e autores da Geografia moderna (e também descolonial) dos últimos dois séculos, que dialogam em suas discussões com os fenômenos atuais, servindo de base teórica para uma análise essencialmente geográfica das migrações internacionais contemporâneas. O trabalho não encerra a discussão sobre o tema, mas sim apresenta alternativas e possíveis abordagens ao agente-pesquisador da Ciência Geográfica para as pesquisas que envolvam a questão migratória contemporânea, sem incorrer em falácias ou abordagens descontextualizadas.

Palavras-chave: Imigração. Teoria. Geografia.

Abstract:

Regarding the increase in international migration nowadays, captained by economic and social reasons and motivated by humanitarian crises and including the cracking of the capitalist system, the researcher of Geographic Science is confronted with a vast source of theories and bibliographic contributions to the understanding of such phenomena, and the geographer puts itself in a paradox of authors, currents and schools of thought, oftentimes divergent and not applicable to the studied phenomena. In this sense, this article presents inputs and authors of modern geography (and decolonial) from the last two centuries, that dialogue in their discussions with current phenomena, serving as a theoretical basis for an essentially geographical analysis of contemporary international migration. The study does not end the discussion on the issue, but presents alternatives and possible approaches to the agent-researcher of Geographic Science for researches involving the contemporary migration issue without incurring in fallacies or decontextualized approaches.

Keywords: Immigration. Theory. Geography.

Resumen:

En atención al aumento de los flujos migratorios internacionales de la actualidad, capitaneados por razones económicas y sociales y motivados por crisis humanitarias y de las propias rajaduras del sistema capitalista, el investigador de la Ciencia Geográfica se depara con una amplia fuente de teorías y aportes bibliográficos para la comprensión de tales fenómenos, y el geógrafo se pone en un paradojo de autores, corrientes y escuelas del pensamiento, muchas veces divergentes e inaplicables en los fenómenos estudiados. Así, este artículo presenta aportes y autores de la Geografía moderna (y también descolonial) de los últimos dos siglos, que dialogan en sus discusiones con los fenómenos actuales, sirviendo como base teórica para un análisis esencialmente geográfico de las migraciones internacionales contemporáneas. El trabajo no encierra la discusión sobre el tema, pero sí presenta alternativas y posibles abordajes para el agente-investigador de la Ciencia Geográfica para las investigaciones que envuelven la cuestión migratoria contemporánea, sin incurrir en falacias o abordajes descontextualizados.

Palabras-clave: Inmigración. Teoría. Geografía.

Introdução

Dentro da Ciência Geográfica a temática de imigração sempre recebera aporte especial da demografia e também da escola de geopolítica em seus primórdios e já na contemporaneidade é destacada sua abordagem por meio da análise do homem espacial inserido em um espaço social, como bem coloca Haesbaert (2006).

Os autores Castles e Miller apontam em sua memorável obra *The Age of Migration*, que a Ciência Geográfica vem dividindo o estudo das migrações em dois campos separados de investigação: primeiro, a pesquisa nos determinantes, processos e padrões da migração; e, segundo, pesquisas sobre as maneiras pelas quais os imigrantes se incorporaram nas sociedades receptoras (CASTLES; MILLER, 2009).

Ao longo dos últimos três séculos, a abordagem da imigração ganhou distintas roupagens e debates dentro da academia geográfica, em especial nos Estados Unidos, Alemanha, França e Grã-Bretanha e, mais recentemente, a academia brasileira, argentina e cubana vem se destacando não apenas em estudos empíricos, mas também teórico-geográficos sobre as problemáticas da migração.

Em observância à literatura contemporânea de Geografia e migrações, neste artigo abordaremos de forma sucinta as contribuições dos geógrafos Ravenstein (baseado nos princípios de Ratzel e demais postuladores do ambiente natural como motivador das migrações), Zelinsky, Mabogunje e Hägerstrand – considerados os principais teorizadores de migrações na Ciência Geográfica (KING, 2012) – por meio da Geografia da População e uma abordagem da Geografia Cultural na contemporaneidade.

Tem-se por finalidade, então, proporcionar com este artigo uma contribuição aos debates sobre a imigração na contemporaneidade, oferecendo o referencial destes autores e

perspectivas para uma abordagem geográfica dos fenômenos e fluxos imigratórios, em especial aqueles acentuados em direção ao Brasil nas últimas duas décadas.

O ambiente natural e as migrações

Assim como apontado por Harvey (1996), a palavra *ambiente* “necessariamente significa coisas diferentes para pessoas diferentes, que no seu conjunto engloba, quase literalmente, tudo que existe” (HARVEY, 1996, p. 117, tradução nossa).¹ Se, para começar, podemos aplicar uma definição limitada e bastante simplista do ambiente como englobando todas as coisas que ocorrem naturalmente na Terra, perceber-se-á que os *environmental drivers* como o clima e a fertilidade do solo são características proeminentes nas primeiras tentativas dos geógrafos para sistematizar o conhecimento acerca de migração (PIGUET, 2013).

Esta é a consequência lógica do “sujeito naturalista” que a Geografia era em suas origens (CASTREE, 2005) e do paradigma determinista dentro do qual se desenvolveu no final do século XIX, seguindo o exemplo de Ratzel. O papel do ambiente natural em migração é central, embora de uma forma bastante implícita na obra *Anthropogeographie* de Ratzel (1909) que, como observado por Durkheim na época, estabelece as bases para uma teoria geral das migrações (DURKHEIM, 1899).

Nesse sentido, as pesquisas do naturalista e geógrafo Moritz Wagner, autor do livro intitulado *The Darwinian Theory and the Law of the Migration of Organisms* (WAGNER, 1873), foram uma influência significativa para Ratzel. Wagner não pesquisou as migrações humanas, mas sim de plantas e animais, e sua teoria era mais simpática a Lamarck do que Darwin. Todavia, Piguet (2013) aponta que quando Wagner diz que “a competição de todos os seres por espaço, alimentação, reprodução, ou a batalha pela vida” (WAGNER, 1873, p. 75), está lançando as bases para o que Ratzel escreveria posteriormente em sua *Anthropogeographie* sobre migrações.

Para Livingstone (1992), a *Anthropogeographie* de Ratzel pode ser lida como uma tentativa de situar a nova ciência da Geografia Humana dentro do panorama de *Migrationsgesetz* de Wagner, que ele qualificou como a mais fundamental lei da história mundial. A discípula de Ratzel e geógrafa norte-americana, Ellen Churchill Semple, por outro lado, dedicou um capítulo inteiro do seu livro *Influences of Geographic Environment* para o “Movimento populacional” (tradução livre). Ela coloca ainda que “na busca de melhores terras, clima mais ameno e mais fáceis condições de vida começa um movimento de pessoas

¹ Original em inglês: “necessarily means such different things to different people, that in aggregate it encompasses quite literally everything there is”.

que, tendo em vista a sua finalidade, necessariamente leva-os a um ambiente contrastado agudamente com seu habitat original” (SEMPLE, 1911, p. 143).

Ernst Georg Ravenstein – certamente o geógrafo mais proeminente nos estudos migratórios em seus estágios iniciais – foi um dos muitos que tentaram identificar zonas climáticas favoráveis para o estabelecimento das colônias europeias durante o século XIX. Seguindo uma ideia similar de Semple, Ravenstein argumentava sobre a importância do ambiente natural para os movimentos populacionais. Anos após a publicação da obra de Semple, Ravenstein fez suas primeiras tentativas explícitas de teorizar a migração, começando uma série de “leis de migração” (Quadro 1) baseadas na observação das migrações internas no Reino Unido e migrações internacionais para outras dezenove nações em todo o mundo.

- *The majority of migrants only move a short distance.*
- *Migration proceeds step by step.*
- *Most long-distance migration is to the major industrial and commercial centres.*
- *The main direction of migration is from agricultural to industrial areas.*
- *The natives of towns are less migratory than those of rural areas.*
- *Large towns grow more by migration than by natural increase.*
- *The volume of migration increases with the development of industries, commerce, and transport.*
- *Each migration stream has a counter-stream.*
- *Most migrants are adults; families rarely migrate long distances.*
- *Women are more migratory than men ‘within the Kingdom of their birth’, but men comprise a majority of international migrants.*
- *The major causes of migration are economic.*

Quadro 1 – Leis de migração de Ravenstein.²

Fonte: King (2012, p. 138)

Naquele contexto, Ravenstein concluía que um clima desagradável produzia e continuaria produzindo fluxos e correntes migratórias. Apesar de utilizar-se do determinismo simplista para explicar tais fluxos migratórios internacionais à época, ainda mencionou em suas leis outras causas para as migrações, tais como opressão, tributos elevados, meios sociais “não congênicos”, compulsão e motivações econômicas. Portanto, a pesquisa de Ravenstein

² Na nossa versão livre, as leis são assim traduzidas: A maioria dos imigrantes só se move a uma curta distância; A migração se dá passo a passo; As migrações de longa-distância são para os grandes centros industriais e comerciais; A principal direção da migração é de áreas agrícolas para industriais; Os nativos de cidades são menos migratórios do que os das áreas rurais; Grandes cidades crescem mais pela migração do que pelo crescimento natural; O volume das migrações aumenta com o desenvolvimento das indústrias, comércio e transportes; Cada fluxo migratório tem um contra-fluxo; A maioria dos migrantes são adultos; famílias raramente migram por longas distâncias; As mulheres são mais migratórias do que os homens “dentro do reino de seu nascimento”, mas os homens compreendem a maior parte dos migrantes internacionais; As principais causas da migração são econômicas.

não foi totalmente refutada *a posteriori*, em virtude de que algumas destas motivações ainda são utilizadas para explicar as migrações econômicas contemporâneas.

Uma ênfase similar acerca da influência do meio físico nas migrações humanas é encontrada no trabalho do mais notável geógrafo determinista, Ellsworth Huntington, também apoiado em Ravenstein. No contexto do seu projeto geral de destacar as bases geográficas da história mundial (HUNTINGTON, 1915), é provavelmente o primeiro a descrever o que hoje é considerado pela literatura como “migração das mudanças climáticas” ou “refugiados ambientais”. Estudando a região do Lop, na China Oriental, Huntington observou que:

Durante a primeira época (1830-1840), a bacia do Lop sofreu severamente pela seca. As aldeias de Dumuka, Ponak, e outras foram abandonadas por falta de água; e novas aldeias foram fundadas em locais mais elevados e distantes do rio. Movimentos do mesmo tipo ocorreram em outros lugares, e um grande número de pessoas mudou-se para novos locais. Os movimentos desta época são indiscutivelmente devido ao clima. (HUNTINGTON, 1907, p. 373).

Em termos mais gerais, a sua ênfase na centralidade dos condicionantes ambientais da história levou Huntington (1907) a argumentar que, no auge do Império Romano, as grandes invasões bárbaras da Europa eram devido às alterações climáticas na Ásia Oriental e ao fato de que “a Europa, após o seu longo período de congelamento, estava se tornando quente e habitável, e os migrantes dirigindo-se para lá em bando” (HUNTINGTON, 1907, p. 383).

Desenvolvendo um quadro teórico bastante ímpar que, ao contrário dos deterministas naturais, apontava a importância da cooperação e ajuda mútua na evolução, o geógrafo Piotr Kropotkin – agora considerado um precursor da ecologia política (ROBBINS, 2011) – considerava também a pressão ambiental como um fator central para a emigração. Na visão de Kropotkin, a emigração de animais e humanos era de fato uma alternativa à “guerra de todos contra todos” profetizada por evolucionistas simplistas como uma possível reação à falta de recursos.

Ele arguia uma terceira opção, preferida na cooperação mútua (DUGGER, 1984). Este último exemplo confirma que, no final do século XIX, apesar das diferenças epistemológicas, as primeiras tentativas de teorização das migrações concordavam com um papel central para o ambiente natural como causa motivadora do ato de migrar.

Zelinsky e a hipótese da transição de mobilidade

O segundo teórico geógrafo que se pensou em abordar neste artigo em virtude de suas contribuições aos estudos de imigração (e sua teorização) na Ciência Geográfica é Wilbur Zelinsky, cuja hipótese de transição de mobilidade procura ligar as “regularidades e padrões”

na evolução dos diferentes tipos de migração e mobilidade com as fases paralelas nas mudanças demográficas e econômicas (ZELINSKY, 1971).

O modelo do geógrafo estava fundamentado em três “grandes axiomas geográficos” que julgava ser correntes à época – ou seja, o “significado real” da padronização espacial de eventos sociais e de mobilidade, a noção de difusão espacial de inovações e modernização, bem como o princípio econômico-geográfico do mínimo esforço. Ao contrário de Ravenstein, que abordamos na seção anterior, cujas leis eram fundadas nas tendências estatísticas observadas, as cinco fases de transição de mobilidade de Zelinsky eram baseadas em generalizações históricas sobre transformação social, migração, modernização e desenvolvimento, como haviam ocorrido na Europa e na América do Norte.

O Quadro 2 apresenta os conceitos básicos do modelo de cinco fases e as principais tendências de mobilidade que caracterizam cada fase. O quadro é autoexplicativo. Skeldon (2012) e King (2012) desenvolveram com base neste modelo de transição das migrações de Zelinsky bases teóricas para a construção de políticas migratórias no hemisfério norte, em especial na União Europeia.

Fase 1 – Sociedade tradicional pré-moderna

- Baixa ocorrência de migrações reais, exceto movimentos limitados relacionados às práticas tradicionais, por exemplo, uso da terra, comércio, visitas sociais.

Fase 2 – Sociedade de transição precoce

- Migração em massa de áreas rurais para as cidades;
- Movimento populacional de colonização das fronteiras;
- Emigração para destinos estrangeiros atrativos;
- Pequena, porém expressiva, imigração de trabalhadores especializados;
- Crescimento de variados tipos de circulação.

Fase 3 – Sociedade de transição tardia

- Contínua, porém em enfraquecimento, migração rural-urbana;
- Declínio dos movimentos de colonização das fronteiras;
- Declínio da emigração;
- Maior crescimento na circulação populacional, o que também torna-se mais complexo em seus tipos.

Fase 4 – Sociedade avançada

- A migração rural-urbana diminui ainda mais;
- Movimento vigoroso de migrantes entre cidades e aglomerações urbanas;
- Imigração em massa de trabalhadores não qualificados ou semiquilificados de países menos desenvolvidos;
- Circulação populacional interna intensa, com orientação econômica e de lazer.

Fase 5 – Sociedade super-avançada

- Melhores sistemas de comunicação podem levar ao declínio nas migrações “residenciais” e em algumas formas de circulação;
- Tipos mais comuns de migração interna são interurbana e intraurbana;
- Pequeno aumento da imigração de trabalhadores não qualificados de países menos desenvolvidos;
- Aceleração em algumas formas de circulação populacional, incluindo novas formas;
- Rigoroso controle de política de imigração pode ser imposto.

Quadro 2 – Modelo de transição das migrações de Zelinsky.

Fonte: Traduzido e adaptado de King (2012, p. 139)

Os resultados obtidos do modelo de Zelinsky foram muitos, mas assim também eram suas deficiências. O modelo era ao mesmo tempo “filho do seu tempo” (WOODS; CADWALLADER; ZELINSKY, 1993) e também uma vítima de seu próprio tempo. Zelinsky estava atrás do seu tempo em suas referências à teoria da modernização e em relação aos estágios de crescimento de Rostow (1991), mas foi visionário em seus pensamentos sobre a revolução nas telecomunicações e no controle de imigração e no paradigma das mobilidades, pois previu a “sociedade super-avançada” dos anos 1970 e as crises do petróleo e a revolução da sociedade da tecnologia da informação.

A contribuição primordial do modelo de Zelinsky era seu caráter abrangente: a migração e a mobilidade combinadas com outros componentes de mudança demográfica, a incorporação de seis tipos de movimento humano (rural-urbano, intraurbano e interurbano, a colonização da fronteira, emigração, imigração, e circulação interna), e sua incidência variável entre as suas cinco fases de desenvolvimento socioeconômico.

No lado negativo, o modelo era essencialmente uma revisão *a posteriori* sobre como a migração, a demografia e as tendências de desenvolvimento tinham sido historicamente sequenciadas ao longo dos dois séculos anteriores ou mais nos países avançados e industrializados do mundo. O pressuposto de Zelinsky, seguindo Rostow, que esta sequência se aplicaria em outras partes do mundo no futuro era fundamentalmente falho, pois como mostra a literatura de imigração, não é possível adaptar o modelo das migrações Norte-Norte ao que se presenciou posteriormente nos casos Sul-Norte, por exemplo.

Zelinsky passou a invocar também a teoria da dependência, como parte de sua percepção de que os processos sociais e econômicos no mundo dito menos desenvolvido, incluindo a migração, estariam subordinadas às decisões tomadas pelos governos e as empresas dos países ricos (ZELINSKY, 1983).

Por fim, Zelinsky (1971) não previu uma importante mudança migratória para as quais as evidências já apontavam – a *contra-migração* (CHAMPION, 1991): de que as pessoas no mundo desenvolvido já não estavam predominantemente migrando para as áreas urbanas e metropolitanas, mas na direção oposta, uma tendência nova que o geógrafo não pôde prever.

A análise de sistemas de migrações de Mabogunje

Outro geógrafo que preocupou-se com a teorização das migrações dentro do arcabouço da Ciência Geográfica foi o nigeriano Akin Mabogunje, que em seu artigo marcante de 1970 sobre a tentativa de aproximar os sistemas às migrações, ganhou um status de importância dentro da Geografia igual às pesquisas e teorizações de Ratzel/Ravenstein e Zelinsky (KING, 2012).

O potencial teórico do modelo de Mabogunje foi amplamente reconhecido pela academia, em especial pelos geógrafos (vide-se os trabalhos de WHITE; WOODS, 1980; MALMBERG, 1997; BOYLE *et al.*, 1998), contudo, seu modelo não foi aplicado de mesma forma ampla, pois muitos dos dados que seu modelo demanda são inexistentes para certas regiões ou grupos.

Mabogunje (1970) propôs sua abordagem sistêmica como uma forma de modelagem descritiva da migração rural-urbana na África Ocidental (justamente de onde provém os

grupos de imigrantes que analisaremos ao longo da nossa pesquisa). São cinco componentes para o modelo:

1) *o ambiente*, composto de quatro dimensões que moldam a “caixa” contendo o sistema através do qual os migrantes se deslocam – condições econômicas, fatores sociais e comunitários, transporte e comunicações, e as políticas públicas;

2) *o migrante*, a “energia” que se desloca através do sistema;

3) *subsistemas de controle*, que determinam quem parte da aldeia e, no destino urbano, como os migrantes são incorporados na periferia ou na cidade;

4) *mecanismos de ajuste*, novamente em ambas as localidades rurais e urbanas, para lidar com os ajustes que precisam ser feitos como resultado da partida e da chegada dos migrantes;

5) *ciclos de feedback*, tais como as histórias de sucesso ou fracasso dos migrantes retornados – que agem para manter, aumentar ou declinar o fluxo de imigrantes através do sistema conforme o *feedback* é positivo ou negativo.

É importante ressaltar que estes cinco componentes se observam de forma clara quando da análise dos fluxos imigratórios para o Rio Grande do Sul por Uebel (2015) no caso dos imigrantes haitianos e da África Ocidental, mais especialmente nos ciclos de feedback, que justificam o aumento do número de cidadãos ganeses e senegaleses, em sua maioria, após a chegada dos primeiros nos últimos dois anos e que atingiram o seu auge no primeiro semestre de 2014, porém, que entraram em fase de declínio no começo do segundo semestre:

Os moradores de Caxias do Sul, na Serra do Rio Grande do Sul, viram diminuir muito a presença de ganeses na cidade. Das centenas de imigrantes que chegaram ao município no mês passado, apenas seis permanecem lá. Desde o início de julho, cerca de 400 ganeses desembarcaram em Caxias do Sul. Aproveitando o período de Copa do Mundo, os estrangeiros entraram no Brasil com vistos de turista, válidos por 90 dias, e decidiram ficar no país em busca de emprego e melhores condições de vida. O que atrai os imigrantes para Caxias é a rapidez na concessão do protocolo de refúgio na Polícia Federal. Com o documento em mãos, eles ficam na cidade até a emissão da carteira de trabalho provisória. Só depois disso, podendo conseguir um emprego, é que eles se espalham pelo país. Esse foi o roteiro de quase todos os imigrantes. (G1 RS, 2014).

Parte da importância – mas também uma fonte de dificuldade – da abordagem sistêmica é sua abrangência e flexibilidade. Por um lado, ela é útil porque enfatiza a dinâmica de fluxos, interligações, ajustes e feedback, indo além dos modelos tradicionais lineares de estudos de migração entre a origem A e o destino B.

Além disso, o modelo de Mabogunje é multiescalar, o que novamente torna-o útil e interligado à nossa pesquisa, que utilizará a abordagem multiescalar e das redes para a análise

dos fluxos migratórios em questão. Além de ser multiescalar, King (2012) coloca ainda que o modelo do geógrafo nigeriano faz uma ligação entre os elementos micro e macro, permitindo que os subsistemas ajam em rede com os sistemas maiores de migrações, isto é, relacionar as migrações internas de um país com as migrações internacionais (PRYOR, 1981; KING; SKELDON, 2010).

A abordagem sistêmica ainda atrai a atenção e continua a ser aplicada na sua forma descritiva. White e Woods (1980) utilizam um modelo de sistemas simplificados para descrever a evolução da migração de trabalhadores do pós-guerra na Europa, Salt (1989) defende uma estrutura de sistemas para o estudo dos processos que produzem padrões de fluxos de migrações internacionais – inclusive já utilizada na nossa pesquisa prévia (vide Uebel; Iescheck, 2014) – e Kritiz e Zlotnik (1992) defendem a importância da modelagem de sistemas em uma época de aumento da mobilidade e da interdependência global, ou, da globalização, como observado em Santos (2005).

Hägerstrand: Geografia do tempo, percursos de vida e campos de informação

Torsten Hägerstrand, conceituado geógrafo sueco, esteve no centro da “*Lund School*” de Geografia Humana, que foi pioneira no conceito de geografia do tempo entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1980. Fortemente influenciado por sua infância no sul da Suécia, onde tornou-se extremamente consciente das mobilidades internas e rítmicas de pessoas que se deslocavam entre a casa, trabalho, escola e lazer, Hägerstrand acreditava que os critérios para a boa ciência social, como a Geografia:

[...] não são para ser encontrados ao longo do *corte transversal* [grifo nosso] do espaço, mas ao longo do eixo do tempo e, em particular, a sequência de eventos que se faz a vida de cada ser humano. São as biografias de pessoas que devem contar [em uma análise espacial de um processo migratório]. (traduzido de HÄGERSTRAND, 1975, p. 3).

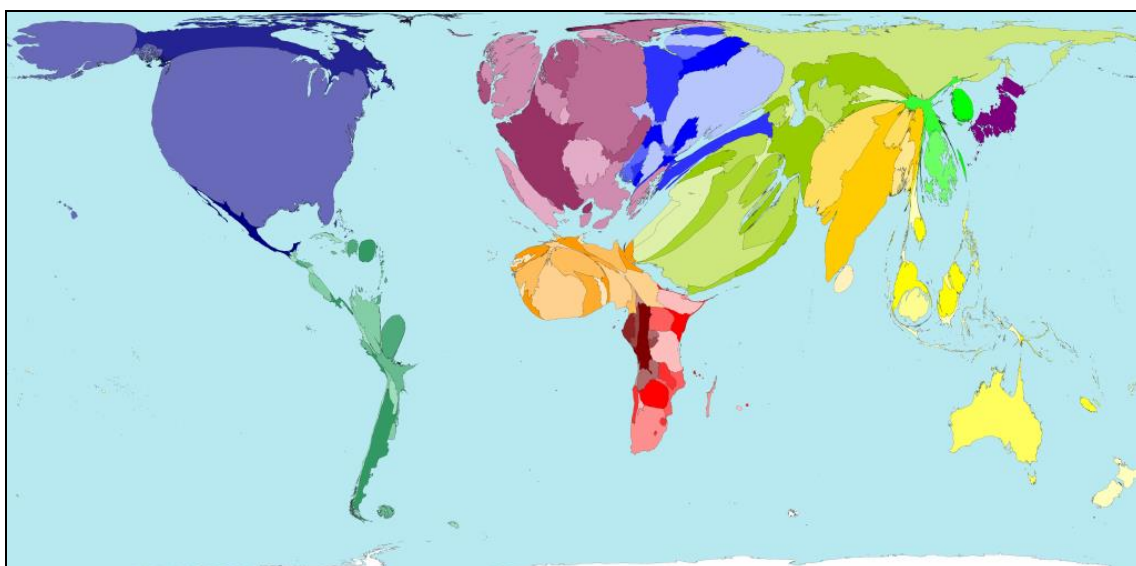
De acordo com Carlstein, Parkes e Thrift (1978), a geografia do tempo não é uma teoria ou um campo separado de estudo, mas sim “uma abordagem ancorada em certos fatos básicos da vida”. Um componente-chave da geografia do tempo centrado na mobilidade dos indivíduos é o “percurso de vida” (*life-path*) – o que Pred (1977) define como uma forma de relacionamento dos indivíduos em rede, observando-se os momentos e objetivos de cada indivíduo, neste caso, dos migrantes.

O percurso de vida pode ser conceituado em uma variedade de escalas temporais (e espaciais): um percurso diário, semanal, anual ou de toda uma vida. Portanto, a importância

do tempo no estudo das migrações internacionais é fundamental do ponto de vista da Ciência Geográfica, ao passo que o ato de migrar envolve não apenas escalas espaciais, mas também temporais e que se relacionam em rede. Isso fica mais claro quando se observa, por exemplo, a mudança na configuração dos cenários dos fluxos imigratórios para o Brasil entre os Censos de 2000 e 2010, conforme exposto no trabalho de Uebel (2015).

Outro componente da abordagem de Hägerstrand é diagramático: a representação das redes móveis do percurso de vida dos indivíduos em três dimensões do espaço-tempo. Nas palavras de Hägerstrand (1982, p. 324), “precisamos sair a partir do mapa plano com os seus padrões estáticos e pensar em termos de um mundo em movimento”. O resultado é um espaço-tempo “*container*” ou *diorama* com o mapa bidimensional, como um plano inclinado e a terceira dimensão, o tempo, como o eixo vertical. Ou seja, as migrações não podem ser observadas como fluxos estáticos, mas sim processos que ocorrem em rede e em fluxos contínuos.

Uma forma de cartografar os fluxos imigratórios baseado neste *diorama* de Hägerstrand aparece na anamorfose (técnica de mapas que deforma os polígonos em razão da dimensão da variável estudada) realizada no Mapa 1 por pesquisadores da Universidade de Sheffield e da Universidade de Michigan com base nos dados do Banco Mundial para os destinos internacionais dos imigrantes (o tamanho do país no mapa representa o *número de imigrantes internacionais que vivem lá*³):



Mapa 1 – International Immigrant Destinations.
Fonte: SASI Group e Newman (2006); Perry (2008)

³ *The territory size shows the number of international immigrants that live there. Em outra explicação para a mesma cartografia: country size on map represents relative immigration inflow.*

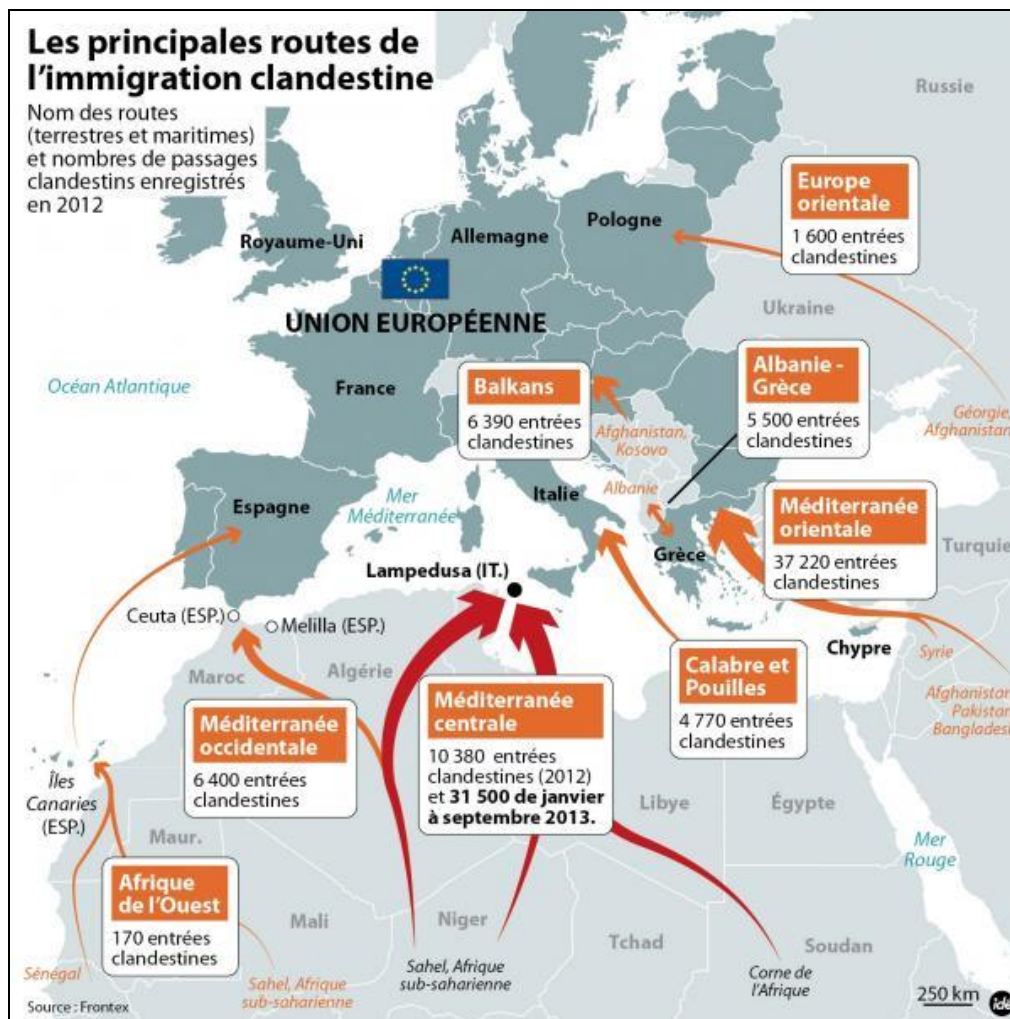
Há importantes repercussões do paradigma da Geografia do tempo em pesquisas sobre os ciclos de migrações, que têm tido um grande desenvolvimento nos últimos anos sob a influência de métodos etnográficos e da história oral.

A pesquisa de Hägerstrand possibilitou ainda a “tripla biografia” de Courgeau (1985), uma abordagem que conecta o percurso espacial/residencial do indivíduo à sua história familiar e ao estudo/emprego, logo, abordagens escalares dentro do mesmo percurso de vida de um indivíduo, o que pode ser aplicado aos estudos de determinados grupos migratórios, vide-se o estudo dos imigrantes espanhóis no Rio Grande do Sul (UEBEL, 2012); portanto, a biografia do *ator imigrante* é fundamental também, segundo Hägerstrand, para compreender-se desde as motivações à imigração do indivíduo até as repercussões deste ano no seu local receptor.

Considerações Finais

Contemporaneamente, depois de algumas décadas em declínio, tem havido um ressurgimento do interesse na análise espaço-tempo das migrações por parte de geógrafos e demógrafos. Isso resultou em tanto um maior envolvimento filosófico com a *malha* de espaço e tempo – daí o conceito “tempo-espaço” (MAY; THRIFT, 2001; DODGSHON, 2008) e uma repetição do *diorama* e outras variantes cartográficas para mapear viagens e migrações/biografias dos indivíduos, incluindo o contexto transnacional (FRÄNDBERG, 2008; LIVERSAGE, 2009).

Um exemplo deste novo tipo de mapeamento, refletindo a Geografia do tempo, é observado nas novas cartografias da *Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia* (Frontex):



Mapa 2 – As principais rotas de imigração clandestina na União Europeia.
 Fonte: Rioux (2013)

Posto assim, estas contribuições teóricas da Geografia Humana e Populacional ao estudo das migrações internacionais não se esgotam e não se restringem às quatro abordagens citadas ao longo do artigo, contudo, segundo a literatura geográfica contemporânea, são as principais teorias que são utilizadas e compreendidas no trato dos estudos migratórios internacionais por geógrafos, principalmente quando observadas as pesquisas de grupos como o MIGRINTER na União Europeia.

Ademais, mais recentemente a Geografia Cultural tem se inserido na abordagem das migrações internacionais e seus fluxos, desde os estudos dos paradigmas das mobilidades, até os estudos de Geografias Culturais das Diásporas, Geografia, Gênero e Migrações e as questões do homem-espacial e espaço-social na perspectiva do imigrante.

Em suma, a Geografia e seus escritos dos últimos dois séculos possuem importantes contribuições teóricas e discussões paradigmáticas que fornecem aportes para os estudos atuais sobre as migrações internacionais, em especial aqueles que fogem das rotas tradicionais

Sul-Norte, abarcando o caso das migrações Sul-Sul e também dos fluxos de refugiados do Norte da África e Oriente Médio para a Europa e América Latina. O diferencial das pesquisas imbuí-se então da atualidade geográfica combinada com seus fundamentos mais tradicionais, característica nata da Ciência Geográfica e seus atores. Portanto, trata-se de uma ciência fundamental para a compreensão dos fluxos migratórios e suas repercussões.

Referências

BOYLE, Paul *et al.* **Exploring contemporary migration**. Londres: Routledge, 1998. 296 p.

CARLSTEIN, Tommy; PARKES, Don; THRIFT, N. J. (Ed.). **Timing space and spacing time: human activity and time geography**. Londres: Wiley, 1978. 2 v.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration**. 4. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. 368 p.

CASTREE, Noel. **Nature: Key Ideas in Geography**. Nova York: Routledge, 2005. 314 p.

CHAMPION, A. G. (Ed.). **Counterurbanization: the changing pace & nature of population deconcentration**. Londres: Edward Arnold, 1991. 288 p.

COURGÉAU, Daniel. **Interaction between spatial mobility, family and career life-cycle: a French survey**. 1985. Disponível em: <https://www.academia.edu/608690/Interaction_between_spatial_mobility_family_and_career_life-cycle_a_French_survey>. Acesso em: 21 set. 2014.

DODGSHON, Robert A. Geography's place in time. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, Huddinge, v. 90, n. 1, p.1-15, mar. 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0467.2008.00272.x/pdf>>. Acesso em: 21 set. 2014.

DUGGER, William M. Veblen and Kropotkin on Human Evolution. **Journal of Economic Issues**, Salisbury, v. 18, n. 4, p.971-985, dez. 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4225501>>. Acesso em: 17 set. 2014.

DURKHEIM, Émile. **Friedrich Ratzel: anthropogéographie - Un compte-rendu**. 1899. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/ratzel_anthropo_geographie/durkheim_ratze_anthro_geo.pdf>. Acesso em: 17 set. 2014.

FRÄNDBERG, Lotta. Paths in transnational time-space: representing mobility biographies of young Swedes. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, Huddinge, v. 90, n. 1, p.17-28, mar. 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0467.2008.00273.x/abstract>>. Acesso em: 21 set. 2014.

G1 RS. **Dos 400 ganeses que passaram por Caxias, apenas seis permanecem**. 2014a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/08/dos-400-ganeses-que-passaram-por-caxias-apenas-seis-permanecem.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 395 p.

HÄGERSTRAND, Torsten. Space, time and human conditions. In: KARLQVIST, A.; LUNDQVIST, L.; SNICKERS, F. (Ed.). **Dynamic Allocation of Urban Space**. Farnborough: Saxon House, 1975. p. 3-12.

_____. Diorama, path and project. **Tijdschrift Voor Economische en Sociale Geografie**, [s. L.], v. 73, n. 6, p.323-339, dez. 1982. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9663.1982.tb01647.x/abstract>>. Acesso em: 21 set. 2014.

HARVEY, David. **Justice, Nature, and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell, 1996. 468 p.

HUNTINGTON, Ellsworth. **The pulse of Asia: A journey in Central Asia illustrating the geographic basis of history**. Boston: Houghton Mifflin, 1907.

KING, Russell; SKELDON, Ronald. 'Mind the Gap!' Integrating Approaches to Internal and International Migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Brighton, v. 36, n. 10, p.1619-1646, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369183X.2010.489380>>. Acesso em: 21 set. 2014.

KING, Russell. Geography and Migration Studies: Retrospect and Prospect. **Population, Space and Place**, [S.l.], v. 18, n. 2, p.134-153, mar. 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/psp.685/pdf>>. Acesso em: 17 set. 2014.

KRITZ, M.; ZLOTNIK, H. Global interactions: migration systems, processes and policies. In: KRITZ, M.; ZLOTNIK, H.; LIM, L. (Ed.). **International Migration Systems: A Global Approach**. Oxford: Clarendon Press, 1992. Cap. 1. p. 1-16.

LIVERSAGE, Anika. Finding a Path: Investigating the Labour Market Trajectories of High-Skilled Immigrants in Denmark. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Brighton, v. 35, n. 2, p.203-226, jan. 2009. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/.VB8Lz_ldWVA>. Acesso em: 21 set. 2014.

LIVINGSTONE, David. **The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1992. 444 p.

MALMBERG, Gunnar. Time and space in international migration. In: HAMMAR, Tomas et al (Ed.). **International Migration, Immobility and Development: Multidisciplinary Perspectives**. Oxford: Berg, 1997. p. 21-48.

MABOGUNJE, Akin L. Systems Approach to a Theory of Rural-Urban Migration. **Geographical Analysis**, Columbus, v. 2, n. 1, p.1-18, jan. 1970. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1538-4632.1970.tb00140.x/pdf>>. Acesso em: 21 set. 2014.

MAY, Jon; THRIFT, Nigel. **TimeSpace: geographies of temporality**. Londres: Routledge, 2001. 323 p.

PERRY, Mark J. **Global Migration: Destination USA and Europe**. 2008. Disponível em: <<http://mjerry.blogspot.com.br/2008/02/immigration-destination-usa-and-europe.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.

PIGUET, Etienne. From “Primitive Migration” to “Climate Refugees”: The Curious Fate of the Natural Environment in Migration Studies. **Annals of The Association Of American Geographers**, Washington, v. 103, n. 1, p.148-162, 2013. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00045608.2012.696233>>. Acesso em: 17 set. 2014.

PRED, Allan. The Choreography of Existence. **Comments on Hägerstrand's Time-geography and its Usefulness**, Worcester, v. 53, n. 2, p.207-221, abr. 1977. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/142726>>. Acesso em: 21 set. 2014.

PRYOR, R. J. Integrating international and internal migration theories. In: KRITZ, Mary M.; KEELY, Charles B.; TOMASI, Silvano M. (Ed.). **Global trends in migration: theory and research on international population movements**. Staten Island: Center For Migration Studies, 1981. p. 110-129. Disponível em: <<http://www.popline.org/node/409844>>. Acesso em: 21 set. 2014.

RATZEL, Friedrich. **Anthropogeographie**. Stuttgart: J. Engelhorn, 1909. 386 p. 1 v. Disponível em: <<https://archive.org/stream/anthropogeograph01ratzuoft#page/ii/mode/2up>>. Acesso em: 17 set. 2014.

RIOUX, Philippe. **Le Vieux continent face au défi de l'immigration**. 2013. Disponível em: <<http://www.ladepeche.fr/article/2013/10/05/1724529-le-vieux-continent-face-au-defi-de-l-immigration.html>>. Acesso em: 21 set. 2014.

ROBBINS, Paul. **Political Ecology: A Critical Introduction**. 2. ed. Londres: Wiley-Blackwell, 2011. 296 p.

ROSTOW, W. W. **The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 324 p.

SALT, John. A Comparative Overview of International Trends and Types, 1950-80. **International Migration Review**, Nova York, v. 23, n. 3, p.431-456, set. 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2546423>>. Acesso em: 21 set. 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 174 p.

SASI GROUP; NEWMAN, Mark. **International Immigrants**. 2006. Mapa 015. Disponível em: <http://www.worldmapper.org/posters/worldmapper_map15_ver5.pdf>. Acesso em: 21 set. 2014.

SEMPLE, Ellen Churchill. **Influences of Geographic Environment: On the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography**. Nova York: Holt, 1911. 683 p. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/15293/15293-h/15293-h.htm>>. Acesso em: 17 set. 2014.

SKELDON, Ronald. Migration Transitions Revisited: Their Continued Relevance for The Development of Migration Theory. **Population, Space and Place**, [S.l.], v. 18, n. 2, p.154-166, mar. 2012. Disponível em:

<<http://onlinelibrary.wiley.com/enhanced/doi/10.1002/psp.667>>. Acesso em: 20 set. 2014.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; IESCHECK, Andrea Lopes. Perfil das Migrações Internacionais para o Brasil nos Censos de 2000 e 2010: uma análise cartográfica temática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, 26., 2014b, Gramado. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Cartografia**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto, 2014. v. 1, p. 1 - 13. Disponível em:

<http://www.cartografia.org.br/cbc/trabalhos/11/120/CT11-1_1401403305.pdf>. Acesso em: 21 set. 2014.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Impactos da Imigração Espanhola no Desenvolvimento Econômico e Territorial do Estado do Rio Grande do Sul no Século XX**. 2012. 222 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em:

<https://www.academia.edu/6310684/Impactos_da_Imigracao_Espanhola_no_Developime nto_Economico_e_Territorial_do_Estado_do_Rio_Grande_do_Sul_no_Seculo_XX>. Acesso em: 21 set. 2014.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI**. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117357>>.

WAGNER, Moritz. **The Darwinian theory and the law of the migration of organisms**. Londres: E. Stanford, 1873. 79 p.

WHITE, Paul; WOODS, Robert (Ed.). **The Geographical impact of migration**. Londres: Longman, 1980. 245 p.

WOODS, Robert; CADWALLADER, Martin; ZELINSKY, Wilbur. The hypothesis of the mobility transition. **Progress in Human Geography**, [S. l.], v. 17, n. 2, p.213-219, jun. 1993. Disponível em: <<http://phg.sagepub.com/content/17/2/213.full.pdf+html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

ZELINSKY, Wilbur. The impasse in migration theory. In: MORRISON, Peter A. (Ed.). **Population movements: their forms and functions in urbanization and development**. Liège: Ordina, 1983. Cap. 1. p. 19-46. Consulta realizada durante missão científica à Universidade de Stanford. Disponível em: <<http://searchworks.stanford.edu/view/1615620>>. Acesso em: 25 nov. 2013.